



TRAJETÓRIA E
RESISTÊNCIA DO
QUILOMBO

BAIÃO



PNCOSA
Projeto Nova Cartografia
Social da Amazônia

Introdução

A história do território quilombola Baião remonta à resistência da matriarca Marciana Cardoso. Viúva, mãe de 6 filhos, resistiu às pressões de grileiros para garantir a permanência no território. Chegou a ir pessoalmente até o fazendeiro recomendar que se respeitasse os limites da divisa para fazer a cerca, sob pena de ela mesma cortar o arame, caso fosse esticado no local errado, com facão. Sua recomendação foi atendida. "Minha avó Marciana", como era carinhosamente chamada por seus netos e suas netas, também enfrentou as dificuldades decorrentes da seca na Região que afetava diretamente os ciclos dos plantios. Contudo, sempre evidenciou a importância de seus filhos e filhas fixarem moradia no local.

O território abrange os núcleos, Riachão das Neves, Baião, São Geraldo, Jataí, Bandeirante e Santa Maria.

A comunidade remanescente de quilombolas Baião, foi reconhecida em 2010 pela Fundação Palmares sob o registro do IBGE 1700400. O projeto de reconhecimento da comunidade como remanescentes de quilombo nasceu do movimento da Associação dos Mini Produtores Rurais da Comunidade Quilombola Baião fundada em 26 de agosto de 2005.

Desde 2005, a associação representante jurídica da comunidade, tem se organizado e reorganizado em prol da captura de benefício e garantias dos direitos coletivo dos membros da comunidade.

As terras que sediam a comunidade é herança familiar. Entretanto, com poucas condições financeiras, os herdeiros padecem na falta de subsídios para garantir a qualidade de vida. A maioria dos moradores são aposentados, renda que auxilia as necessidades básicas. O sustento da comunidade é oriundo da agricultura familiar, baseada no cultivo do plantio de arroz e mandioca.

A comunidade tem buscado o engajamento junto a órgão como Defensoria Pública Estadual, Ministério Público Federal e Incra com o intuito de garanti a qualidade de vida na comunidade.

Assim como a maioria das comunidades quilombolas do Brasil, a Comunidade Baião ainda busca o acesso a titulação da terra. Embora a Constituição Federal reza pelo direito da propriedade da terra para remanescentes de quilombos, sabe-se que é muito comum as burocracias nos órgãos responsáveis pela regulação.

A comunidade recebe orientações da Apa-to (Associação Alternativas para a Pequena Agricultura no Tocantins) e da Coeqto (Coordenação das Comunidades Quilombolas do Estado do Tocantins) cujo intuito é fortalecer a luta pelas garantias dos direitos das comunidades quilombolas do Estado.

A comunidade remanescente de quilombolas Baião, fica localizada a 32 km do município de Almas, residem na comunidade 15 famílias e 72 pessoas. Anualmente a comunidade é afetada pela falta de chuva, uma característica da região Sudeste do Estado do Tocantins, em que o período da estiagem prolongado prejudica os pequenos produtores rurais haja vista que são grandes as perdas.

A principal renda dos moradores da comunidade é a aposentadoria de um salário mínimo. Como o período da estiagem dura pelo menos seis meses, os gastos, principalmente com alimentação, aumentam consideravelmente o que compromete o limite da renda e, conseqüentemente, da qualidade de vida dos moradores.

Haja vista, que se faz necessária a aquisição de todos os produtos da cesta básica, somado a isso tem-se as despesas com medicamentos e outras necessidades que surgem, naturalmente. Com isso a alimentação, na maioria das vezes, carece de alimentos variados e nutritivos, restringindo-se ao básico: arroz, feijão. Fator de corrobora para com o adoecimento da população local, dado o baixo teor de nutrientes na alimentação diária.

O fato da renda ser apenas de um salário mínimo é decisivo para que as compras do mês não priorize a aquisição de frutas, verduras e hortaliças. O deslocamento da cidade até a comunidade também compromete a qualidade desses alimentos sensíveis as altas temperaturas. Quando são compras, em pequenas quantidades, duram no máximo para três refeições. Se considerar o fato de que o mês tem 30 ou 31 dias, no geral em 90% dos dias, as refeições não contem o mínimo de variedades de nutrientes.

A saída, portanto, seria o cultivo de uma horta na comunidade e pela comunidade. Tendo em vista o baixo custo da manutenção, os benefícios seriam imensuráveis. Isso reforçaria os vínculos da atividade coletiva na comunidade além do incentivo a alimentação saudável e sustentável. Envolveria os membros numa responsabilidade coletiva em prol da saúde e do bem-estar, de todos. Situação diferente, se for um cultivo individual. A pessoa poderá contribuir para com uma variedade de fruta, hortaliça e verdura e ter acesso a tudo o que for cultivado. Nisso consiste a viabilidade de manter o projeto após a implantação.

O Território da Comunidade Quilombola Baião

Aqui a comunidade do Baião começou assim, de primeiro a comunidade chamava Olho D'Água, mas quando meu avô comprou, em 1921, em janeiro de 1921 ele comprou aqui o Baião, ele morou aqui. Quando ele morreu ficou para minha avó, e minha avó teve aí, morreu aí, ficou para minha mãe, mais os filhos e os irmãos, e aí os irmão foi abrindo, abrindo, para (19)53 ficou ela e quatro irmãos. Em 53 aqui secou, eles mudaram para o rio enquanto chovia. Choveu, eles voltaram, um ficou por lá para o rio morando lá, outros foram saindo aí ficou só ela e os filhos. E esses filhos conservou aí. Aí veio essa medição e tirou um bocado de terra, teve um herdeiro que vendeu um pedaço. A medição veio em (19)82, aí quando foi em (19)92 tornou vim. Em 82 eles mediram e tiraram pedaço, tiraram lá e venderam. Dessa terra, como foi em 92, mediu para os filhos que estava em cima da terra.



Constantino Fernandes Pinheiro
(In memoriam)

Aqui já tá com 100 anos agora, em 2021 completou 100 anos, tenho documento dessa terra quando comprou, tem a escritura aí de 1857, ela foi registrada em cartório de Almas.

Eu tenho registro das limitações dela quando foi registrado, eu tenho esse documento ainda tá guardado.

Esse pé começou doendo né, sentindo ele, doendo aí, ele doeu, logo eu me 'aprostou', fiquei que não aguentei mais andar, aí ele veio a furo, continuou eu passei quatro meses 'aí ó aí' deitado, um botava um remédio e outro botava outro e nunca que ele aliviava eu deitava só de um lado, não aguentava. Aí me apanharam na leiteira, porque não tinha carro aqui, não tinha nada nessas épocas para mim levar lá numa fazenda para acolá, lá para dentro para lá, um povo lá que trabalhava com centro espírito. Eu fiquei por lá quase um ano, eu tinha 14 anos de idade, minha mãe ficou por lá triando de lá para cá, tinha vez que ela vinha para cá cuidar dos meninos e eu ficava lá mais o povo lá, ela ia levar 'os trem' para mim.

Registro paroquial no 15
Fazenda Olho d'água
Registrante: Ignaciano
Rodrigues de Odiceira
Feito em 1857
Limitase ao nascente no Corri-
go denominado Casa Braba
Pela parte do Sul Rio Manuel
Alves ao puento no
Corriço denominado Picaão
e do norte no Corriço denomi-
nado pedra preta São Miguel
Almas três de Fevereiro de mil
oitocentos e cinquenta e sete - a Prozo
de Ignaciano Rodrigues de Odiceira
Assigna Manuel Theotai nesta
mão da Brindade.
Conforme São Miguel Almas 5 de
Janeiro de 1864 O Vigario Luis
Ferreira Souza

Deram ela lá um pedaço de roça, ela plantou, por aí, ficou aí quando eu vim foi a cavalo montado. Um sofrimento doído esse aí, eu fiquei por aqui mais ela, não aguentava fazer nada. Aí me apanharam me levaram lá para rua, tinha um médico que vinha de Goiânia naquela época, de mês em mês, aí me levaram para lá aí eu fiquei por lá, tomei um bocado de remédio, fiquei por lá, aí dei para andar, ficar andando.

Fui no médico, eles me falaram que tinha que cortar a perna, aí veio outro médico aí o médico disse que não, que não adiantava cortar a perna, ia cortar no lugar e ela descer em outro. Aí foi deixando aí, botando remédio e por aí fiquei. Aí fiquei por lá para cidade, eu vim para fazenda, mas eu trabalhava, não era todo serviço.

Vimos para fazenda arrumei uma mulher com cinco filhos, aí nós tivemos mais uns 8, nós vivemos de lá para cá. Eu tive por lá, chegando para lá em 53, quanto foi em [19] 68 eu mudei para aqui, que lá não era meu aí eu mudei para aqui e aqui eu tô. Os filhos foi espalhando, uma voltou e ficou aqui, mas eu criei 14 filhos, por que criei um neto graças a Deus, nós nunca faltou o pão, um bando não tem, mas para alimentar nunca faltou, nunca ficou sem comer.



Quando foi um tempo, aí fizeram associação lá no Capão da Onça, mas o povo não quiseram aí veio para aqui. O povo passava e nesse tempo não tinha rodagem que eu conheci, não tinha transportes, carro, o primeiro carro que veio foi lá, Chico Botelho que comprou um carro, ele tinha lá em Almas, a estrada ia lá pra Dianópolis, para o Rio da Conceição e de Rio de Conceição pra Almas. Aí foi pra na era de cinquenta (1950), abriu a estrada de Natividade pra Almas, e de carro, era estrada que tinham em 1958, que Almas emancipou e abriu a estrada da Mata, a estrada que vem de Almas pra Barra, vem direto para Barra e dessas estradinhas que entra para aqui e pra acolá. Tinha que fazer tudo a cavalo ou a pé se quiser, não tinha transportes de carro, não tinha bicicleta, não tinha moto, tudo era no cavalo, no jegue, no boi, o carro que tinha era o carro-de-boi, o povo tinha que carregar material pra casa, lá na cidade tinha carregar no jegue, botar taboca no jegue pra carregar.

Constantino Fernandes Pinheiro
(In memoriam)



Meu nome é Eliene Fernandes Crisóstomo de Almeida eu moro aqui no Baião atualmente, eu morava aqui com meus pais, casei, tive uma mudança de vida, sai para trabalhar mais meu esposo, e tivemos nossos filhos e aí depois retornei. Para mim foi uma experiência boa, e eu poder conviver mais com meus pais. Cuidar do meu pai e da minha mãe, meu pai tinha um problema de saúde, então foi o objetivo de eu voltar e focar mais nisso, poder ajudar ele, poder tá mais próximo e ajudar no que a gente podia. Então para mim foi muito bom isso, estou aqui para conviver mais com eles e isso não tem preço pra mim.

Sobre o território o que eu vejo e tenho esperança é que o território saia, o tamanho da área da comunidade do Baião no documento. O que é a escritura, é o documento Paroquial que foi feito em 1857, na época em que meu bisavô comprou essa terra foi em 1921 né, ele comprou essa terra segundo o documento tá que ele comprou ela neste ano de 1921. Então isso meu pai sempre falava e está no documento que meu bisavô comprou esta terra, então já tem mais de 100 anos que nós existimos nessa terra né. E boa parte dela não está em mão da comunidade, na época das medições de (19)82, começou essa invasão e daí por diante quando dividiu, sobre a divisão do Estado de Goiás com Tocantins também a terra ficou mais restrita para a comunidade.

Eliene Fernandes Crisóstomo de Almeida

Eu nasci aqui, só que aí eu saí um tempo. A gente planta, 'as vez da certo as vez' não dá certo, a gente colhe, vende, mas dá pra gente tocar a vida, que é o meio financeiro que a gente tem, a gente não é assalariado, aí a gente tem que viver do que a gente trabalha. A gente produz farinha, planta arroz, milho, batata doce, o arroz e só pro meu consumo, só a farinha mesmo, gergelim também eu planto, vendo também a paçoca. 'As vez' eu vendo aqui, quando tem um movimento igual que teve essa reunião de hoje, 'as vez' eu levo pra feirinha, sempre tem uma feirinha mais não é todas as vez, é de vez em quando.



Eu faço meus tapete de crochê, tapete de barbante, faço porta papel higiênico, faço também xarope caseiro pra gripe, eu dei pro meus meninos xarope caseiro, meus pés de canana, folha de assa peixe, folha de acerola, alho, limão, poalha do cerrado a gente cozinha faz o caldo, o chá depois você põe o açúcar para dourar, joga em cima e faz o melado, e faz o xarope. As vez eu comercializo sob encomenda mas pra levar assim pra feira não, sempre a pessoa me encomenda, eu faço, mas pra levar assim eu nunca levei não, porque eu não tenho o material certo pra colocar, tem que ter embalagem certa, eu sempre coloco em embalagem de refrigerante e não é o correto, aí não dá pra vender.

Benvinda Fernandes Cardoso

Eu não nasci aqui mais moro aqui tem muito tempo, eu conheci aqui o Jatai, eu era moça que eu vinha para cá. As Crianças 'era nascida' aqui Maria minha filha, foi nascida no Veredão, lá, mais mãe. Solange foi aqui quem pegou foi Balbina, a mãe dela foi ela que veio pegar aqui Nerivan, foi aqui também, no Jataí, Clerivan também foi comadre Diana que pegou ela. Agora, Miguelina e Edimélia que foi lá Dona Belita que pegou mais Maria de Hugo. Giné foi aqui, Valderson também foi aqui. Só que é difícil, não tinha coisa de comer, passava o resguardo era comendo burundanga, não tinha carne, não tinha nada, tinham deles (quando a criança nascia) que matava a vaca, tinha outros que não tinha vaca para matar, as crianças eram mingau de crueira para dar. 'Relava' a mandioca e aí pisava e dava o mingau, foi assim que ele foi criado. A gente não dava leite que presta, o leite era fininho porque não tinha nada que comer que presta. Hoje tá 'mais melhor', que tem leite, de primeiro a gente comia o que o cerrado tinha né, eu mesmo comi até manga quando 'tava' de resguardo, parida de novo, porque não tinha nada, tinha vez que até o arroz acabava, comia manga parida, só que era madurinha.



Cansei de comer, era muito difícil aqui, hoje tá mais fácil, os meninos pequenos já tem as coisas para comer. Para registrar esses meninos a gente vendia um gado e ia registrar tudo grande, outros 'tava' pequenininha, ainda os meus a maior parte eu ainda registrei ainda pequeno, porque eu não quis deixar render não. Foi registrado 'quais' tudo pequeno, só as derradeiras que quando foi registrar estava grandinha, mas era difícil, se não pelear para registrar enquanto 'tava' pequeno não ia não, não tinha condição. Era longe, não tinha transporte 'nois ia' montado pra rua para poder registrar, era desse jeito.

De primeiro, o povo se reunia para rezar o terço aí eu vi, aí eu vim para aqui era rezando, de vez em quando eu juntava mais dona Herenita rezava, o velho Chiquinho também a Folia vinha dormir aí na casa dele. O velho Chiquin era seu bisavô, ele era morador aqui no Jataí, aí ele acabou e ficou os dois filhos dele aqui morando aqui no Jataí, foi Dona e Vicente morava aí, só eles dois aí. Depois Dona Carmita veio morar aqui também, os filhos de Dona Carmita foi 'passado' tudo por minha mão, eu olhando esses meninos cuidando de Dona Carmita, porque os meninos eram um bando aí eu ia ficar pra ajudar ela olhar os meninos. Foi criado tudinho aqui. Só esses mais velho que foi criado para lá, cresceu lá, para Boa Nova para lá, aí não passou por minha mão, mas esses mais novo foi tudo aqui no Jataí, mas foi passado tudo por minha mão. E passado também pelas mãos de Dona e os de comadre Eleusa, esses mais velho que ela teve foi passado também pelas minhas mãos, era eu e Dona. Quando esses meninos, às vezes, ia lá na rua para comprar remédio, mas a maioria era dado remédio aqui do mato e menino 'miorava' a maior parte, era só remédio do mato. Para gripe 'nóis dava' era manjericão, era Vente Livre, dava e melhorava. E aí foi crescendo, os meninos era mais saudável um remédio do mato, era folha de carne, era esse trem que dava, eu fazia o banho para banhar 'as mulher' parida de novo, passei oito dias fazendo banho para elas. A gente se resolve por aqui mesmo, porque antigamente não tinha esse remédio lá no hospital, não tinha médico, era mais difícil, ainda resolvia por aqui, lá às vezes. 'Nóis precisava' do colírio para botar nos olhos, até as 'meisinha' de lavar os olhos era feita aqui era tudo 'meisinha' do mato que melhorava. Esses meninos de hoje nem quebrante mais dá, nem quebrante não tá dando mais aqui, menino quando era pequeno tudo era banhado no banho, cansei de banhar, quando pegava quebrante a gente fazia o benzimento, e aí passava, aí eu orava.



Abelita Pereira de Castro

Eu moro aqui desde janeiro de 2000, na associação desde que ela começou. Quando ela começou 'nóis' já estava aqui junto, mais ela Benvinda. Eu trabalho nas minhas roças, planto mandioca, produz farinha, planto arroz pra despesa da gente, feijão, fava, milho, mais é só pro consumo, mas algumas coisa, tipo a farinha, sai mais, as outras coisa são mais pro consumo da gente.



Oseas Ribeiro Pinto

O que eu produzo hoje é as colher o foco da gente, que a galera pede bastante aqui, a gente faz a colher, faz o garfo de madeira Taipoca, que a gente faz isso aí, tem a Carabeira Branca que a gente faz também, faz de Pequizeiro, só que a Taipoca é uma madeira mais mole pra trabalhar com ela. Meus pais, minha mãe, meu padastro, já fazia lá em casa desde de pequeno, eu ia olhando eles fazer aqui, acola eu inventava de fazer uma. Mas depois que eu cheguei aqui mesmo, que eu foquei mesmo fazendo elas.

Eu crio umas duas galinhas e uns porquinho caseiro normal mesmo, não desses grandão não, desses caseirinhos mesmo. Frango a gente cria, mas agora no momento a gente não está tendo mais.

'Nóis cria' daqueles tempos que a gente pegou aquelas telas que nós recebeu, nós ajustamos o galinheiro, aí 'nóis criemos', era pra nois ter uma quantidade lá, mas aí as doenças vem e panha elas de jeito lá que leva embora tudo, inclusive agora. Nois tá sem as galinhas, as galinhas tá bem pouquinha, problema de morrer assim.



Colher de pau artesanal - produtor Oseas



Tenho 51 anos, morando aqui todo o tempo, minha mãe que trouxe 'nóis pequeno'. Que 'nóis foi' pra Almas estudar, minha vó Marciana sempre do lado nosso, ela saia deixava eu com os meninos, porque 'nóis pegava' água na cacimba, lá sempre. Aí pegar água nessa cacimba era muito perigoso porque lá é funda se você ver o buracão que é lá, você nem diz, era aquele tempo de seca. Eu fazia era a comida e minha mãe trabalhando, minha mãe trabalhavam igual um homem na roça, pra dar de comer pra 'nóis' porque não era fácil. 'Nóis é' sete irmãos, ela saia e deixava 'nóis' tomando de conta da casa.

Ana Santana Crisóstomo



Eu tenho dois filhos a Juliana e o Adriano 'eles está' tudo na comunidade daqui, até na outra sede que tem de lá, que 'nóis' saímos pouco tempo e tá lá, mas tem a casa, três cômodos e uma cozinha do lado, mas sempre 'nóis vai' lá pra não está deixando só. Não tem documento, tem que tá sempre acompanhando lá, aí a gente tem os vizinhos que é os tios deles do lado de lá, o José Raimundo sempre ficou olhando também pra não deixar ninguém invadir.

Quando entrei na associação Eliene tomou atitude, aí ela é de conhecimento mais do que 'nóis', aí ela foi e chamou pra participar aqui da associação do Baião, aí eu fui e gostei. Até hoje estamos aí sempre participando das reuniões, sempre que eu 'tô' aqui, vou na cidade volto, mas esquecer não esquece, porque lá e nosso pontinho de sossego.

Aqui tem nossa velha mãe, tem meu pai aí do lado, meus filhos que mora do lado também, ainda tem um que mora na cidade, mais tá aí o sitio dele, 'tamo' aí sempre juntos. 'Nóis ia' pra cidade de a pé, mas eu acho melhor ficar sempre aqui na zona rural porque lá 'nóis' não vai ter mato pra 'prantar' e já foi criado, e 'nóis' já foi nascido e criado assim.

Minha mãe pegava mangaba, murici pra dá pra 'nóis' o suco, fazia o leite de coco, pegava e fazia pra 'nóis' comer com cuscuz, aqui é mais fácil pra 'nóis' né. Aqui sempre era suco, minha mãe ia no rio, minha vó também, ia pegar água e passava semana, quando ia deixava 'nóis' cá e pegava água lá, passava semana e semana lá .

Todo tempo produzia: plantava arroz, mandioca, feijão, fava, 'nóis' sempre era isso, não era de tá abandonando, e 'nóis' aprendemos com ela. 'Nóis' pegava baru e quebrava pra fazer paçoca, tirava esse tanto de coisa pra nos alimentar, pra sobreviver, porque ela vivia assim, a mãe dela era do Monte do Carmo e vivia assim. Cuidava sempre das coisas pra eles era assim né, porque ela disse que não tinha outra coisa pra sobreviver e era só fazendo essas coisas. Coco, ela pegava e quebrava, ela saia colocando até completar aquela quantia pra fazer paçoca e o leite pra dar com cuscuz. O arroz era pilado no pilão e fazia o cuscuz na panela com o pano né, fazia e trazia pra 'nóis' tudo, e ainda colocavam a gente pra trabalhar pra ajudar meu pai e ela. Pois é, é isso. 'Nóis' fazia beiju de massa também, tinha mandioca, 'nóis' fazia muito beiju.

Naquela época a gente criava os porcos, os bodes, os gados, minha mãe sempre criava para consumo e vendia também para fazer dinheiro para trazer comida pra nós, ela sempre criou 'nóis' assim ela tinha 'as coisa' era assim. Pra nós ter em casa ela fazia e ensinava 'nóis' e educava em casa.

Os porcos era criado solto e preso também, os porcos ajudava muito nós sempre que precisava tinha aí. Porque ela trabalhava no garimpo, era para sustentar nós, porque 'nóis' ficava em casa. Paramos de criar (os porcos) porque ia pra comunidade dos outros e os outros não achavam bom, aí foi o jeito acabar.



Cacimba de vó Marciana

A cacimba secou de 1997 pra cá, era uma promessa, minha avó sempre rezava todo ano dia 06 de janeiro, rezava lá na casa de tio Alexandre, fazia as comidas e dava para o povo. Fazia café, bolo, sempre fazia pro povo comer né, mas aí nenhum da família 'fizeram' essa missão que ela tinha né, nenhum, aí secou. Acredito e acho que é uma promessa que ela tinha feito para família toda, segura daquela barreira que ela tinha feito né. Que antes quando ela rezava nunca tinha secado, escorria água, cansei de ir lá e era pegando água e escorrendo lá para fora e hoje tá seca lá, dizendo o povo que a bomba de água muda, mas não sei se muda. Mas eu achei estranho, porque na época que ela sempre rezava ela tinha água, o que eu sempre reconheci e que ela sempre falou que acreditava em Deus, que ela sempre foi devota da fé católica, que as aparência dá pra ver. **Ana Santana Crisóstomo**

Lá o modo de vida nosso são a gente vive da Agricultura Familiar, eu tenho uma pequena horta, eu crio galinha, além de ter o gado eu crio galinha e colocamos roça todo ano, plantamos arroz, feijão, milho, fava, maxixe, abóbora, mandioca, inhame, gergelim, batata-doce com Amendoim. A gente planta também jiló, agora mesmo eu tenho uma pequena horta que entrego na escola, o cheiro verde, rúcula, cebolinha, alface, maxixe, jiló, mandioca-doce, eu tenho a DAP, o agricultor tem que fazer DAP. Antes eu entregava farinha também, só que com a seca esse ano eu tive prejuízo, não só por causa da seca, o trator chegou tarde para gradear a terra. Na pequena roça de toco eu plantei mandioca, mas deu um verão e a mandioca não cresceu 100%, morreu muito e um pedacinho mecanizado que eu tinha né, tive prejuízo, o gado entrou e comeu o meu arrozinho, a minha mandioca, minha banana, já 'tava' tudo dando cacho.

“ “
Nossos produtos são orgânicos, eu não trabalho com agrotóxico, meu produto é tudo natural, as coisas que a gente vende lá é tudo natural, abóbora, mandioca, cheiro verde, alface tudo é natural orgânico.

” ”
Siran Nunes de Souza



Agora tem que ter a máquina para arar terra para poder plantar, mas antes não era assim era manual mesmo, assim melhorou muito né. Antigamente era muito difícil, era trabalho demais, agora não, é na máquina. Naquele tempo era carregado da fonte, dos córregos, era na cabeça, carregando balde, às vezes no pote, outra vez nas marmitas, era no bujão para sobreviver, carregando, levava vasilha para fonte para lavar e hoje não, a gente tem a condição de abrir um poço, aí temos água em casa, melhorou bastante, a água para gente graças a Deus melhorou.

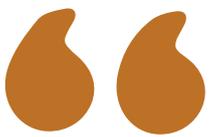
Era bom ser criança naquele tempo, aquela época era bom demais, tinha brincadeira de tudo, menino andava aí à vontade, era bom demais, eu acho assim porquê hoje no sertão não tem muita criança, porque os pais teve que mudar, na fazenda hoje em dia não tem escola, tudo é na cidade.

Eu gosto de morar aqui na roça por causa que é sossegado, o clima é outro, a gente é bom assim porque eu tenho criança, aí eu acho melhor pra gente cuidar, para a gente ficar com as crianças aqui na fazenda, porque lá na cidade tem muito risco, tem muita influência de coisa que é perigoso e eu fico com medo de acontecer alguma coisa com a criança na rua e é perigoso, e na fazenda não. Com essa mineradora agora com tanto de homem e com aquele caminhãozão.

Nerivan de Castro Souza

Meu nome é Luzeni Crisóstomo Pinheiro, estou associada na associação, a gente mora ali na terra do meu pai, trabalha mais na roça, a roça nossa sempre de toco. O meu pai é de 1944 e eu sou de 82 e desse tempo para cá eu continuo, nasci e criei morando aí mesmo, aí no território. A gente planta é mandioca, milho, arroz e abóbora, a roça nossa é de toco. A água não é dificuldade para nós aqui, já foi um problema, agora já tem o poço.

Luzeni Crisóstomo Pinheiro



O meu nome completo é Rosemaria Nunes de Souza, eu venho de uma família que faz parte dos remanescentes quilombolas do Baião, assim descendentes dos africanos, que eu nasci, quando fui me entendendo para gente já ouvi meus pais falar sobre os africanos, que nós somos descendentes dos africanos que vieram da África para o Brasil, que chegaram lá em Salvador na Bahia né, em caravelas na Bahia e que por isso assim falava, não somos descendentes dos escravos.

Rosemaria Nunes de Souza

Meu pai e minha mãe trabalhava não era por dinheiro, era troca de serviço, os vizinhos trabalhavam um na roça do outro. Então o arroz a gente pilava no pilão, tudo era manual, a mandioca era ralada no ralo, ralava mais o dedo que a mandioca, depois foi surgindo a roda de madeira de pau, a gente colocava pra fazer um reio feito de couro de vaca e colocava lá duas pessoas, tinha que rodar essa roda para poder ralar a mandioca e era muito maravilhoso é divertido. Era um sofrimento divertido, a gente carregava água da fonte era nas vasilhas, nos potes de barro, nas botijas, nas cabaças, nas cumbucas, como diz né era bom demais, maravilhoso, é um tempo bom que não volta mais, mas que hoje já modificou muitas coisas, já tem poço artesiano, já tem as coisas melhor um pouco.



Era essas coisas, na era do meu vô, ele ainda foi na Bahia buscar sal de animal, olha que sofrimento onde que tá a Bahia, imagina tudo era na base dos burros, dos cavalos e jumentos. Então já melhorou, porque a gente não pode ser egoísta de dizer que não melhorou né, melhorou mas que antigamente também era bom, a naturalidade é boa.

Conflitos territoriais na Comunidade Quilombola Baião

No tempo, era desabitado um pouco aqui, tinha área aberta, aqui não era fechado assim, de 1988 pra cá ficou fechado e foi fechando cada vez mais. Não era esse mato aí na frente, era um tabuleiro, as mata mais fechada era tudo na beira do córrego, aqui tinha muito capim, agora não tem mais, daqui até no mata-burro era todo aberto [não tinha cercas] a chapada. Aí tinha era mais pé de pequi, o povo queria mais matas pra fazer roça, porque não tinham trator pra fazer derrubada.

Nessa época, essas áreas aí estava tudo um tempo desse já era época de tá parando de fazer as queimadas, para livrar do fogão do mês de Agosto aqui era tudo limpo. Campo, não tinha cerca nenhuma era 'abertão' para soltar o gado, que bem dizer de 2000 para cá é que apertou mais as coisas, mas era aberto, todo mundo criava gado, porco, criava o bode, andava tudo na casa de um ao outro. Que hoje não pode mais andar, que todo mundo vivia aqui, plantava sua rocinha de arroz, hoje em dia se não for lá na cidade, não tem, não come. Está dizendo que lá na cidade é mais fácil do que cuidar da plantação da roça. Aqui, de primeiro, trabalhava e comia era da roça, os da cidade é que vinha apanhar cá na roça, hoje a roça é lá [na cidade], o povo quanto mais cresce só comendo do que tá lá do mercado. Comércio tá na roça, não tem para levar, para produzir, para enviar, o dinheiro não tem jeito.

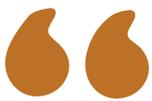
Fazendeiro começando chegar por aqui de 2000 para cá, você não tinha desmatamento nem lá em cima e nem aqui, agora desmataram aí, desmataram a beira do rio, esse pedaço de terra, que mesmo a metade dele ficou para lá, esse é de outro, ficou para outra.



Quando foi um tempo aí fizeram associação lá no Capão da Onça, mas o povo não quiseram 'aí veio' para aqui.

Constantino Fernandes Pinheiro
(In memoriam)

Então, cada quem hoje ainda tem dessa terra, mas é só um pedacinho, quantidade mínima desta terra para sobrevivência, então a gente conta a história. Eu espero em Deus que a gente consiga resgatar essas terras de volta para nosso território, para nossas gerações ter oportunidade de viver nesta terra que é uma terra secular. Então tem história, 'nós tem' cultura aqui em cima dessa terra, então assim é preocupante ver a situação que está, a gente sendo abafada, vendo a hora de perder tudo né, que é uma coisa centenária e nós perder o que 'nós tem' nossos antepassados aqui, nós tem história de vida temos nossas vidas aqui. E nós pensamos para nossas gerações, nossos filhos, nossos netos e assim por diante as gerações que vier poder ter uma história para contar, para poder ter esse viver aqui, como a gente vivia antes.



Hoje tá difícil de dizer que nós somos felizes aqui, que hoje a gente tem felicidade, nós não desiste, e a gente espera, e eu acredito muito, que tendo o território vai melhorar muito a vida nossa. É uma parte de sobrevivência, existência, nessa de persistência. Também aqui dentro da comunidade, é um direito da gente, que as terras eram nossas, de repente a gente perdeu, que a gente tá numa área restrita. Mas, com o território acredito que tem possibilidade da gente viver novamente ocupando os espaços que a gente ocupava, pela liberdade de viver eu quero viver aqui e tô vivendo, e quero viver aqui quero que meus filhos, meus netos tenham essa oportunidade de viver, meus bisnetos assim por diante.

Eliene Fernandes Crisóstomo de Almeida



O território pra mim vai ser muito bom, porque a gente está ameaçado, então pra mim vai ser muito bom se sair esse território, a gente tem filho, tenho quatro filhos e mora todo mundo fora, só tem um que mora em Almas, vindo esse território já vai ser melhor pra nós, meus filhos foi estudar fora e trabalhar porque aqui a gente não tem a fonte de renda pra oferecer pra eles, então eles teve que sair pra fora pra trabalhar.



Benvinda Fernandes Cardoso



O território eu penso o seguinte, as terras que estar pra fora aí, voltar pra nois aqui, pra dentro da sede, da terra toda, que tem umas duas área que é fora, ou mais, que eu não sei do total, mas a minha vontade é que o território volta pro limite, ficar certo onde todo mundo pede. Quando eu cheguei aqui, já via os mais 'velho' falando como é que é o limite, em tal lugar, voltar o direito da gente, a vontade de tá na beira do rio, a vontade de tá pescando, caçando. Em relação ao agronegócio, a gente tá bastante preocupado com essas fazenda grande que tá aí do nosso lado. Minha vontade é que elas desse o espaço pra gente ter a mesma liberdade de antes, a gente tem vontade de onde os limite eram de ir na beira do rio, pescavam voltavam, o gado ia pra lá beber.

Oseias Ribeiro Pinto



Meu nome é Adelmides Nunes de Sousa, olha a questão do território, pelo conhecimento que a gente adquiriu junto com essa associação, que eu me associei, eu acho assim, que o nosso território está muito pequeno ultimamente, pelo espaço que a gente já teve. Meus pais, meus avós, parentes, a extensão era muito grande desse território e hoje a gente não tem mais esse direito. Por exemplo, os rios a gente não tem mais acesso a eles, as largas onde meus pais, meus avós criavam gado, que o gado era solto aí, não existe mais. Assim, eu acho que pelo fato deles, as pessoas antepassados ter menos conhecimentos e muito medo que as coisas eram muito rígidas pra nós quilombolas, negros, eu acho que eles sentia muito arreceio de 'se espaiá'. Morava muito perto, então ficou vazio, então o quê que acontece, o pessoal foi chegando e tomando de conta e pronto, e tá muito apertado, tá ruim, não tá bom, muito pequeno pro trabalho, muito pequeno para as demandas. Que a gente caçava, que a gente tinha direito de caçar, de pescar, de tomar banho no rio, de criar seu gado na larga né, então não tá bem, a verdade é essa, tá ficando cada dia mais difícil pra nós que mora na comunidade. O 'refrigerero' a gente não tá tendo mais, porque tinham o 'refrigerero' até uns dois anos atrás, tinham mais hoje não tem mais, então quando o gado da gente passa pra essa área que era o 'refrigerero' do gado eles proíbe, tem que tirar. É uma área que a gente não sabe quem é dono, não identifica eu sou dono, porque essa área é tipo vazia, lá aí agora ultimamente de uns dois anos pra cá vem uma pessoa e diz: eu sou o dono, eu arrendei isso aqui, pode tirar o gado seu. A gente não quer isso aqui, mas aí a gente vai e tira, pensa que não, eles sai, somem, a gente torna voltar o gado pra lá porque a cerca não presta, aí o gado volta, quando pensa que tá acomodado, já tem que tornar fazer o mesmo procedimento, então não temos mais, a verdade é essa.



Meu nome é Joaquim Cardoso Pereira, filho de Dona Carmita Cardoso de Souza, eu passei muito tempo fora do território, agora eu voltei para cá, tá com 3 anos e já tô por aqui. Cheguei e comecei a participar porque eu ainda não tinha participado, através de eu tá lá em Palmas, e cheguei e bem a tempo viável de participar que assim é muito interessante né.

A preservação do território é com certeza é muito importante, e hoje é igual a gente conheceu aí nossa região, você chega hoje para ver aquele imenso mundo todo devorado é muito importante a gente ter essa força de tá interagindo junto, se não todo mundo que chega vou tomar conta aí, daqui uns dias não tem mais ninguém aqui na comunidade. Os moradores vai embora tudo no caso que abrir mão para quem chega lá que eles vão abafar tudo e se as pessoas igual eu por exemplo, eu voltei e decidi que quero morar aqui na fazenda, às vezes eu tô lá na cidade, que a gente tem que estar lá, como eu achei a companheira lá, ela sempre gosta de vir, mas para morar ainda não, vamos ver mais para frente. Mas meu sonho é morar aqui na fazenda com certeza.



Joaquim Cardoso Pereira

Eu tenho gado, bom a gente lá, eu com pai a gente cria o gado junto. Lá é o seguinte, uma luta, tem uma área que a gente cria o gado que foi toda cercada a maior parte, já a parte que é a nossa terra é 'mais pequeno', a gente criava na larga e o gado vivia gordo. Porque não sofria tanto como tá sofrendo, tinha o que comer o quê beber e daí foram obrigados a gente a fechar o pouco que tem, porque não pode criar mais solto. Tem outra área do lado da gente que tem córregos, que é divisa do córrego Areia, a gente soltava o gado todo do lado de cá, como do lado de lá, daí tem uma terra abandonada aí que é dos deputados, aí aqui ou acolá o pessoal arrenda, a gente é obrigado a tirar o gado. A cerca é tão ruim e eles não 'arruma', a gente tem que tá costurando, certo ou errado passa aí, fica aquele atrito né, quando você pensa que seu gado tá lá, já tá de cá. Seu gado está em tal lugar, aí tem que ir buscar, então o enfrentamento é muito grande né, tá difícil para criar. Para falar a verdade a gente é pequeno produtor não pode desmatar muito porque não temos permissão né, os grandes 'chega' desmata tudo, mas, 'nós pequeno não pode' fazer, temos que preservar. Ao mesmo tempo então, é tão complicado, teve que reduzir o gado né, proteger lugar para ele comer, porque fica difícil, a gente não dá conta de comprar ração. O espaço de criação é pequeno, teve que reduzir o gado também para poder ver se o gado não sofre muito aí, o gado não tem o que comer no verão. No final das águas, aí enfraquece, vai beber nas barraginhas, nos açudes que tinha, seca tudo, atola, quem tá fraco morre, daí foi o jeito reduzir, mas é essa luta que a gente tá fazendo pra sobreviver.

Siran Nunes de Souza



Meu nome é Genilton de Souza Barbosa associado lá na comunidade quilombola Baião, exerço o cargo de tesoureiro na associação. Eu tenho 43 anos que eu moro lá, eu nasci e criei lá, até hoje então, no caso a gente vive lá de serviço aqui acolá, diária né, não tem serviço fixo. Eu tenho um pastinho, é pouco mas eu tenho, a vaca também é pouca, o gado às vezes é na roça, as vez é na 'larga', é desse jeito, esse modelo aí.

É que Agora ficou mais difícil, porque antigamente você criava o gado solto né, tinha muito espaço para ele andar, tinha muito pasto, aí agora você teve que fechar sua área, reduzir a área você vai ter que criar seu gado pouco e naquele local pequeno, mas na larga eu ainda solto.

O que é tipo assim, lá em casa tem as Cangas, que lá em casa eu mexo com pasto, o pasto é pouco, aí para não ficar só na roça de pasto eu solto pro lado das Cangas. Mas é só naquela 'arinha' pequena ali mesmo porque não tem pasto aí. Quando não tá na roça eu solto lá pra Cangas, mas só esse pedacinho pequeno porque daqueles tempão que a gente soltava igual antigamente não tem mais. Só para soltar égua que ainda tá tendo, que é você ainda tem lá para o Morro do Mato, você pode soltar para lá, mas gado não tem como mais não, se você soltá para lá já era.

Rapaz, se o território sair eu acho que vai ter uma vantagem para nós né, uma grande vantagem nisso aí.

Genilton de Souza Barbosa



Conflitos em função da falta de água na Comunidade Quilombola Baião

Aqui chovia muito, quando era em setembro já tinha chuva, antes de São Miguel né, quando era pelas novenas já tinha muita chuva, córrego já cheio, tinha vez que algum ano desse daí falhava, mas chovia o tempo todo, as chuvas, os 'corgos' era cheio, cheio, cheio mesmo.

E a chuva chovia bem, e a chuva mesmo assim quando entrava no mês de setembro já chovia e o povo plantava e assim ia.

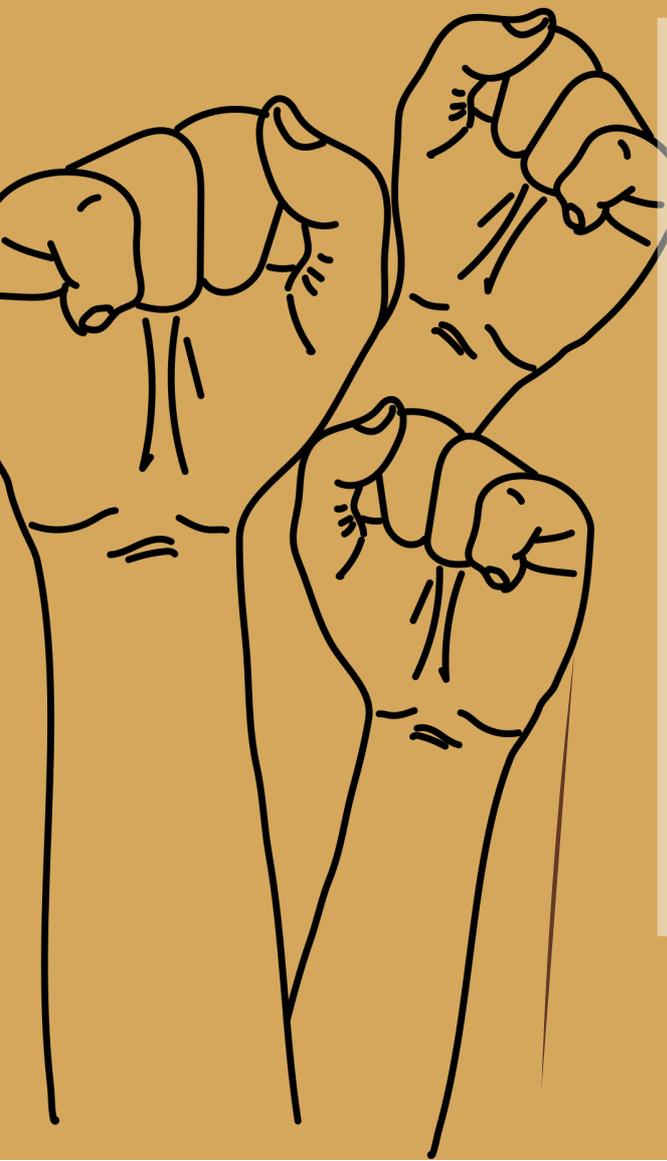
Em 1966 quando eu fui pro serviço, fui lá pra Almas pra São Miguel levar os meninos para batizar, já deixei o milho plantado e 'tava' grande já e assim deu foi bom, choveu, foi chuva até mês de maio. Aí chovia um ano, chovia mais pouco, outro ano chovia mais tarde, mas quando pegava, era pegado mesmo, era chuva de derrubar casa. No ano de 1964 choveu que derrubou uma casa. De 1953 começou a diminuir, que teve a seca aqui que os 'corgos' secou, mas aí passou 2 anos e ia chovendo menos e menos, e depois tornou a continuar, continuar bastante, agora quando deu de 1972 foi diminuindo, diminuindo, diminuindo cada vez mais aí foi secando.

De 2000 pra cá deu pra secar, e foi secando, em 2009 teve até uma chuva, mas foi diminuindo, foi diminuindo em 2014, 2015 a chuva foi pouca, pouca em 2016 aí tornou a continuar. Mas quando chove já é mês de novembro, de dezembro, assim uma chuvinha assim variada, mas para o povo plantar mesmo se não for de novembro pra cá não planta.

Do Oeste, quando vinha o ano de baixo pra cima, quando vinha era chuva boa, aqui vinha do Leste, continua vindo, mas pouca na minha opinião e a população que está fazendo isso porque o povo não liga mais com as profecias de rezar, de conservar as matas, as cabeceiras de 'corgos'. Essas coisas, aqueles 'corgos' já levantava fumaça daquelas matas, daquelas serras, hoje não tem mais, o povo está derrubando tudo, esse é meu pensamento, deve ser que desmatando tudo, secando. Lá pra Bahia era muito seco, mas pra cá era muito chovido, o povo corria de lá pra cá. Chegava aqui achava bom e ficava aí porque era muito fechado, tinha pouca habitação.

Resistência e enfrentamentos

A questão da produção a gente alguns anos atrás ainda tinha olho d'água, que era o tempo que chovia mais e era menos desmatamento na Região, as nascentes ainda conservavam mais um pouco, mas ultimamente, 5 anos 7 anos pra cá isso foi mudando totalmente. Hoje pra você ter esse trabalho prestado na sua comunidade, pra você ter seu alimento, sua forma de alimentar sua família, você tem que arcar com poço artesiano, porque a cisterna não segura mais água, o solo já tá muito seco. Aí é uma forma de quem pode, beleza, tá conseguindo, e quem não pode infelizmente tá sendo obrigado, às vezes, deixar seu ponto e ir pra cidade, sofrer mais ainda.



O que eu avalio é sempre o seguinte: não é coisa boa, é coisa ruim principalmente para sociedade de mais necessidade de vida, de saúde, de alimentação. Isso é ruim porque nós sabemos trabalhar no território, nós somos cultural da terra do Cerrado, nós vai pra rua sem conhecimento de estudo, o estudo pra gente sempre foi pequeno, então isso não é bom. O impacto é muito grande, sofre porque lá na cidade você tem que ter principalmente o emprego, o dinheiro pra você comprar de um tudo e lá não é fácil pra quem não tem o conhecimento de estudo e você não tiver com o que comprar você vai passar fome.

Adelmides Nunes de Sousa



Vem vindo aí dos longos anos que para nós diminuiu bastante e me lembro ainda que nos anos 80 choveu bom, em 83 teve aqui na região a primeira crise na Região de falta d'água. Morreu demais 'os pé' de Buriti e Buritirana, até aqueles coquinhos de palmeira do Cerrado 'morreu' muito naquela época. Nós 'trabalhava' na fazenda vizinha ali e a gente, naquela época, teve dificuldade com gado atolando nos olhos d'água que estava secando e o gado entrava para beber e ficava. Mas, daí quando foi nessa fase e quando chegou a época da chuva voltou a chover bom, chover bom mesmo, que voltou tudo normal daí para cá.

Aí chegou em 97, 98 teve outra crise grande, eu trabalhava na fazenda, inclusive bem aqui do outro lado, as barragens secaram tudo, os olhos d'água, aí a gente falou, vamos ter que soltar o gado para ir beber no rio. Nesta época era tudo aberto, só tinha cerca da fazenda mesmo. Aí foi quando a gente soltou o gado para fora, já tinha gado que tava indo lá beber, ia e voltava e a gente sem saber e soltamos todo o gado. Aí dentro aí só ficou um ponto sozinho que segurou água naquela época em 97.

A chuva foi pouca, a gente via formar a chuva, aquele tempão bonito e de repente o temporal subia, a gente já via o céu limpo. Às vezes caía tipo uma neblina bem fininha, aí às vezes molhava o pêlo do gado, mas não chegava na terra, aí quando foi em 98, aí o trem secou, tivemos que soltar o gado todo para fora. Daí para cá teve anos bons de chuva, outros anos já diminuiu, aí veio 2001 e 2002 até 2005. Tava sim uma chuvarada boa mas em 2007 veio de novo uma seca que eu me lembro que para

nós aqui o inverno que teve foi do dia 01 de fevereiro até o dia 5, que era internada boa, assim mesmo, mas antes não tinha, só aquela chuvinha mesmo e aí quando foi no mês de fevereiro a partir do dia primeiro até o dia 5 choveu bom.

Nós plantamos uma mandioca, nós limpamos uma área aí, plantamos, mas, a derradeira chuva foi do dia 5, que daí para frente foi só sereninho. Aí a mandioca nem prestou, nasceu na verdade, mas não desenvolveu porque ficou seca, até quando chegou a época de chover já tinha morrido muito porque ela ficou novinha demais.

E daí pra cá foi só diminuindo, assim, teve ano que nós plantamos roça, aqui roça-de-toco ganhou bem, mas já outro ano teve aqueles meses que deu sorte de plantar naquela data daquele mês, aí quando foi na época de ganhar veio a chuva de novo que encheu os arroz, o milho. Mas disso já teve perca, aí plantou arroz, plantou mandioca, arroz perdeu, milho também, a mandioca às vezes segura ali um pouco, mas a maior parte morre.

Parece que pega uma veia lá fresquinha e segura, mas as outras 'termina' secando, tem mudado muito para nós, a questão disso aí a gente não sabe totalmente o motivo. Às vezes as pessoas falam, é até parece que é realidade, caso dos desmatamentos que tá muito na nossa Região e a gente pensa isso vem sim trazer essas consequências para a gente, a falta de chuva.

'Os olho d'água' começou a secar ainda em 83, eu me lembro, e daí para cá, assim daquela época ainda choveu voltou, mas, depois não ficou mais garantido. Tinha ano que secava, outro ano segurava e até que a maioria deles não voltou mais não. Aqui dentro da área da comunidade mesmo não tem mais olho d'água. Antes localzinho assim que a gente nem imaginava que podia segurar água, segurava, e agora desapareceu, a cisterna que era boa aqui na região também acabou tudo, se não for um mini poço ou poço artesiano a gente não conseguia mais água.

Em relação a chuva eu não me recordo quanto a isso direitinho, mas o que eu tenho em mente é assim, na crença nossa é assim: nasce primeira chuva que viesse do Leste, quando vinha de lá, poço que a gente dizia o lado de Baixo Gandu, a primeira chuva vinha desse lado a gente considerava que o inverno era ia ser bom. Então é a única coisa que eu me lembro. Assim quando era dos outros lados aí a gente não tinha um bom inverno, é uma coisa que eu ainda me lembro muito, a gente acreditava nisso.

A chuva ainda vem de baixo, mas só que chega um ponto que os períodos, os meses da chuva já não chove mais igual antes, às vezes começava em outubro, em setembro também, mas eu me recordo bem de outubro, meu avô plantava milho e logo cedo já tinha milho plantado em outubro, quando ia limpar era em novembro, o milho já estava grande. Aí a maioria das vezes chove em outubro, em novembro não chove, em dezembro muito pouco, janeiro já aconteceu de chover bem, agora de uns anos para cá não tá chovendo, só fevereiro, março aí pára a chuva.

Nesse ano de 97, eu mesmo não estava morando aqui no ponto da comunidade, mas o pessoal daqui teve que sair daqui, inclusive na casa do meu pai, que lá nós tinha uma cisterninha que segurou. Nesse ano de 97 ela segurou, mas, quando foi em 98 ela não segurou, teve que ir para cidade passar dias por lá enquanto chovia.

Depois deu uma melhorada um pouco, mas continuou tendo mais frequência. Em 98 a gente teve que sair para casa dos meus pais e depois disso, saímos direto para cidade, que lá [na casa do pai] também faltou água.

Abri uma cisterna lá com 3 metros e quando tava chovendo ficava saindo quase na boca em cima, saindo nas vagas do tijolo, escorria e passava a seca todinha com água e depois foi só abaixando até que não teve água.

Mas, teve época que a gente ia levar o gado para beber no rio, já levava os bujões para trazer água de cozinhar, a gente já tomava banho lá, e trazia a água para os de cá banhar em casa, aconteceu isso aí. Teve um bom tempo fazendo isso aí, ia a cavalo, já levava dois bujão logo na cela. Aí só não me lembro agora a época que distribuíram essa cisterna de captação, começou a controlar mais, aí ficou a lentidão do município fornecer água para abastecer.

E a gente ficou de novo nessa situação, a água da chuva chegava, acaba e a água da caixa acabava logo e o caminhão não abastecia e a caixa não aguentava a seca toda e na situação nossa que utilizava para tudo né, porque eles diziam que ela era só para cozinhar e beber, só que na situação nossa aqui não era isso, tinha que dar até os animais tinha que beber dela.

Antônio Cardoso de Almeida



Posso dizer que nasci aqui, não tinha uns seis meses de nascido quando meu pai mudou para a Boa Esperança e resido lá até hoje. Hoje eu tô contando 55 anos, a diferença é que eu fico assim, separado da sede velha. Lá nos cria uma vaquinha para beber o leite e a roça né, de cada 'uma coisa colhe' um pouco: milho, feijão, arroz, e vai plantando a batata, esses trezinho pra sobreviver pra ajudar a gente. Lá o maior problema é a água, moço: não tem água. A 'sorte nossa' é que nós temos uma caixa lá, que o pessoal vem e enche ela, o pessoal da prefeitura. Mas, agora mesmo eu to preocupado lá, o fazendeiro cercou as outras áreas tudo lá e eu já to preocupado que no verão vou ficar sem o gado por falta de água. Tem outra coisa que preocupa nós também porque se já tivesse energia, a gente gastava mais 'pra' perfurar um poço, aí não precisava a gente tá comprando gerador, o programa Luz Para Todos para a gente ainda não chegou, a gente tá na esperança que um dia 'chega'. A gente tem uma pequena criação de porco caipira, não é fácil para criar porque a condição da gente é pouca, e o que a gente planta não dá para manter a ração e aí por causa da água também fica difícil. A água que a gente tem é das barragens, se já tivesse furado um poço para gente encanar a água seria mais fácil para os bichinhos, porque aí colocava um bebedor e não precisava estar colocando água todo dia, se a gente tivesse mais área, mais local aberto que deve acesso ao rio seria mais fácil para gente, seria melhor.

Nossos pais sempre nos 'criou' com sustento da roça. Os remédios que era dado para a gente era tudo caseiro da floresta mesmo, só que hoje já tá mais difícil porque não tem mais nada, porque derrubaram tudo, além de jogar o veneno, aí fica difícil hoje para a gente criar nossos filhos, porque muitos remédio hoje você não encontra mais aonde tinha, o grande fazendeiro já devastou tudo aí, você já não acha mais igual, mesmo Milombe hoje tá maior dificuldade para você encontrar.

José Raimundo Pinto de Oliveira





Também dizer à comunidade o que vive e sofre sobre a escassez de água sobre essa dificuldade. Antigamente os olhos d'água, a terra tinha época, as criações e os rios, tinha essa liberdade né, todo mundo, mas com a invasão ficou restrita, a gente foi obrigado a ficar numa área que não tem olho d'água. Não tem muita área permanente de água né, mas, mesmo assim, a gente resiste nessa escassez. A chuva foi diminuindo aí os locais foram parando de sustentar a água, mas aí hoje a gente vive na subsistência de mini poços artesianos para sobrevivência da água no quilombo, para não ter que sair, e outros dependem de água de caminhão pipa que vem pela prefeitura. **Eliene Fernandes Crisóstomo de Almeida**

Inclusive agora o gado, os animais ficam com sede porque há falta de água, se não fosse ajuda de algumas pessoas que já abriu poço aí, não tinham água pros bicho beber, nem mais assim pra 'nóis'. Assim, a gente veio pra cá nessa luta aí, pra gente restava uma água lá de uma cacimbinha, muito longe, desde do ano 2000 a gente fazia isso, meus filhos crescendo nessa luta, eu junto com eles, Benvinda, juntos com eles, correndo com o carrinho, realmente se o carrinho tivesse aqui ia mostrar pra vocês o jeito. 'Nois' colocava três 'bujão' de vinte quando não 'era' três, 'era' quatro, eu empurrando esse carrinho e os meninos com a corda puxando na frente, muito difícil a gente passar essa luta aí desse jeito que eu tô te dizendo, só tô aqui hoje porque a gente gosta daqui. **Oseias Ribeiro Pinto**





A gente tem que ligar. Eu tenho uma caixa igual essa daqui, aí se você não ligar um dia antes, não vem. Eu pensei que minha caixa estava com bastante água, quando eu fui olhar já não tinha mais, aí passa dois, três, quatro dias pra eles poder mandar um caminhão, porque a demanda é muita e só tem um caminhão, eu ligo na prefeitura.

A minha vida aqui foi essa e eu nunca mudei tô aqui desde de 2004, tô aqui direto nunca fui pra cidade. 2007 eu estava aqui, a gente só tinha uma cacimbinha entendeu. Um dia mesmo chegou eu 'mais' meu esposo, chegou comadre Dona 'mais' compadre Constante, e chegou meu outro tio pra gente conseguir pegar um pouco de água, ele foi pegar lá no Altino e eu e comadre Dona pegamos na cacimba, dividimos. Foi 40 litros de água, eles vieram com 20 litros e eu fiquei com 20 litros. A 'vida nossa' foi assim, isso pra comer, beber e tomar banho, os animais ficavam aí, porque vinha o caminhão mais não vinha todo dia. Era pior porque a gente não tinha essa caixa. Eu tinha uma caixa de 1000 litros, aí eles 'passavam' oito dias pra trazer um caminhão de água e a gente ficava nessa. Essa caixa pra mim foi um ponto positivo, se não tivesse ela eu não 'estava' aqui não, eu já tinha saído porque não é fácil aqui não, eu to aqui porque eu gosto daqui, é sofrido, não é fácil aqui não.

Benvinda Fernandes Cardoso





Conflitos em função da mineração

A preocupação sobre a mineração é muito grande que a gente tem, que inclusive a água pra gente, eu mesmo não tenho poço, ainda eu to bebendo água do rio. Eu tenho energia, mas água eu não tenho, esses dia mesmo eu fiquei uns quatro dias sem água, veio chegar água pra mim na quinta-feira passada. Então é preocupação com essa mineradora aí, muita preocupação, porque essa água vem do rio.

Benvinda Fernandes Cardoso

É perigoso, a mineradora é perigoso sim, porque a gente não tem tanto tipo assim questão das barragens, a gente fica com medo de ser ameaçado pelo projeto deles no caso né, que a gente já está alicerçado naquele local, nascido e criado. Ele chegar querer arrancar a gente, em condições que até às vezes não dá nem para a gente depois sobreviver nem adquirir outra área no outro lugar.

Luzeni Crisóstomo Pinheiro





O Território da Comunidade Quilombola Baião

Estou associado já pelo segundo mandato, eu concorri 'o cargo' da presidência da diretoria em 2018, fui eleito presidente e daí já 'tou' pelo segundo mandato. Novamente foi concorrido, deixou o espaço para os outros sócios né, mas a maioria decidiu que estava bom eu na diretoria e resolveu manter.

Bom, associado não tem muito tempo não, acho que a gente já continuava participando das reuniões desde 2014, eu já participava das reuniões até antes mesmo.

Bom, através do agronegócio, esse pessoal grande que está chegando, a minha dificuldade a enfrentar como presidente é uma dessas bases aí né, sobre a 'desmatção' que tá muito nos apertando, nos preocupando bastante também o veneno que eles estão destruindo nosso sossego, nossa vida né. Além dos animais, a saúde de nós todos, acabou muito com as nossas riquezas, que a nossa riqueza aqui é o Cerrado e as frutas né, além da caça e pesca tem os frutos, destruiu muito os Pequi, os Caju as Mangaba, Coco, e entre outros como também os Murici e Cagaita, e outras frutas nativas do Cerrado que para nós foi bem prejudicada em nossa comunidade.

Siran Nunes de Souza



Fui uma das primeiras a ajudar a fundar a Associação, foi o objetivo de importância para a comunidade na época. A gente às vezes achava que não tinha muito futuro né, mas depois a gente foi se envolvendo mais, empolgando com aquilo, vendo a realidade. Tive a oportunidade de estar participando, saindo, viajando, vendo a realidade, tendo mais conhecimento, que a gente ficava mais focado aqui né. Então, a partir de 2005 que a gente começou aqui com essa luta com Associação, então a gente viu que viver, ter um documento, só focava mais para poder buscar algum benefício para a comunidade, para Associação. Na época era associação para a gente conseguir as coisas com mais facilidade, porque um sozinho é difícil, mas um grupo de pessoas reunidas tinha força. Então a partir daí a gente começou com a Associação de Mini Produtores Rurais, a gente teve o RURALTINS, veio aqui e orientou nessa parte da gente associar em associativismo.

Meu esposo foi o primeiro presidente da comunidade da associação, aí depois eu também tive a oportunidade de ser presidente, fui por dois mandatos também, e hoje também eu não estou sendo a presidente mas tô sendo uma das conselheiras e mentora da Comunidade. Tá vendo os pontos mais fracos, ajudando os presidentes que estão, 'surge' algumas ideias, a gente tem que estar focado ali, ajudando para nós mudar a realidade da comunidade. Depois em 2010 veio a certificação pela Fundação Cultural Palmares, que a gente foi reconhecido como quilombola aí, foi outra luta, a gente começou a participar mais do Fórum Quilombola, conhecer mais sobre quilombola, ver que a realidade nossa era outra, e assim foi um aprendizado, mais evoluído para nós.

EA gente buscou mais informação, mais conhecimento com as pessoas que já estavam vendo a realidade de outras comunidades, que às vezes na época até achava que aqui a gente não tinha conflito, e tinha muito conflito. foi chegando cada vez mais, então assim a gente passa a entender os tipos de conflitos, defender a comunidade, defender a nossa população isso é importante. A gente trabalha nesse foco, ver o lado um do outro, para não deixar que um irmão fica prejudicado que a gente tá ali naquela direção, a gente tem que ver essa realidade, ver a necessidade de cada um, a gente aqui já teve conflitos muitos grandes que já foi caso de Justiça. Então não foi fácil 'as humilhação', a discriminação que a gente passou por tudo isso, mas a gente venceu, conseguimos ter vitórias sobre isso, tivemos fechado por cerca de fazendeiro. O conflito foi muito grande porque a partir do momento que a gente passou a ter um pouco de conhecimento, foi o que focou a gente, não tem medo de enfrentar na justiça, de buscar nossos direitos na justiça e não brigar pessoalmente, e não deixar nossos irmãos enfrentar diretamente e pôr a vida em risco. Enfrentamento a gente sabe que se for enfrentar a gente sai perdendo muito, então isso é muito importante, e tomamos aqui, a comunidade tem resistência tem coragem de enfrentar, lutar. Porque a gente ganhar ou perder, mas a gente enfrenta os trâmites legais, a gente se sai melhor, porque o que adianta a gente ir e brigar corpo a corpo com as pessoas, então não é o foco da comunidade, eu bato muito na tecla sobre isso com as pessoas, para a gente não ter enfrentamento com as pessoas, brigar e dizer coisas que a gente só sai perdendo né.

Eliene Fernandes Crisóstomo de Almeida



Sou quilombola, estou associada e atualmente estou trabalhando no IBGE. Para mim a importância do IBGE é muito gratificante, além de identificar quem são as pessoas que se autodeclararam como quilombola, como saber o total da população. E esse é o primeiro Censo que o IBGE está oferecendo para contar a população [quilombola], até porque dá para saber a situação das pessoas, como vive, onde fica. Eu fico muito feliz porque eu já faço parte da comunidade, ocupo o cargo da diretoria, está sendo uma grande experiência e aprendizagem quanto ocupando o cargo de vice-presidente e sendo recenseadora. Já como quilombola está sendo uma nova etapa da minha vida, de poder aprender várias coisas com nossos patriarcas e que tem muito a nos ensinar.

Eu acho que já é um grande avanço para a população quilombola só em já ser contado, poder você falar que você é quilombola já é uma grande vitória, e poder ser contado por alguém que é quilombola que acredito que é mais vantajoso ainda né, porque quem é quilombola sabe onde cada família mora e quantas pessoas moram em cada casa, como é que é a vida né, então acredito que um quilombola contando os quilombolas um marco muito importante pro IBGE e para a população Negra desse país.



Renata Rodrigues Pinheiro



Ajudei a fundar a associação eu, Eliene, seu Antônio, meu esposo, compadre Constantino, minha mãe e sempre tive associada, na diretoria já fui vice. A associação é sim a coisa mais importante pro território porque a gente tá junto, tem mais união, a família chegou mais perto um do outro então pra gente é um prazer que a gente tem de todo dia 10 a gente tá reunindo aqui na casa de Eliene trocando ideias.

Benvinda Fernandes Cardoso





Sim eu ajudei a fundar a associação e fui o primeiro presidente na época, foi o incentivo do João filho que nos incentivou, nós iniciamos lá no Capão da Onça, mas de repente não teve aquele apoio total lá dentro, aí ele falou então vamos para lá, aí a gente veio para cá. Começamos a reunir, teve umas quatro ou cinco reuniões que teve primeiro, até conversamos com pessoal e chegou o final que partiu para ter a escolha da diretoria, tendo a votação. Aí eu e outras pessoas, que estavam concorrendo. Eu ganhei naquele dia na votação e fui o primeiro diretor presidente da associação, e me lembro que dois ou três anos depois aí veio o convite que a gente se reunisse para declarar quilombola, o primeiro nome da associação era Associação de Mini Produtor Rurais com a sigla ASMIB. Aí veio o incentivo para que a gente se reunisse no sentido de associar como comunidade quilombola em 2010, que foi certificado pela Fundação Palmares como comunidade quilombola.

Olha o que a gente teve enquanto associação, a gente tem uma outra vista para pessoa, tipo: as pessoas não vão chegar nas pessoas vão chegar enquanto uma associação. Não vão chegar de todo jeito, igual como se fosse uma única pessoa, uma única família morando naquele lugar. Então a gente já estava associado, já conseguimos muitas coisas sim, devagar que foi no início, mas hoje a gente já tem recebido alguns benefícios que nos deixa com mais segurança, de que já é fruto da luta que a gente conseguiu durante esse tempo.

Participação tanto nos Fórum Quilombolas, depois de termos reconhecido e teve uma participação também no Território da Cidadania que era um projeto que ajudou muito, organizou, e tem bastante conhecimento. Inclusive, a gente recebeu as Barraginha aqui na região, que foi implantado nessa época, ele falou que ia vencer aquele período dos contratos deles mas que ele ia deixar alguma coisa implantada lá para nós, aí como foi falado bastante na Barraginha aí um certo tempo desse aí chegou pelo RURALTINS. A preocupação é grande porque a condição não dá, não dava tanto para conseguir fazer e tipo o poder público que a gente recorreu nenhum 'tava' nos oferecendo nada, só prometia mas não nos trouxe nada.



Antônio Cardoso de Almeida



Meu nome é Ana Patrícia Fernandes Cardoso, tenho 20 anos sou filha de uma das irmandades da Comunidade Quilombola Baião, que fica situado na zona rural do município de Almas, Tocantins. Nasci nessa região, mas mudei com meus pais para outra cidade por alguns anos e retornamos há pouco tempo, faço parte da diretoria da comunidade como vice-tesoureira, faz pouco tempo que estou exercendo o cargo.

Vejo na nossa comunidade como algo de grande importância é a preservação patrimonial e cultural do nosso povo e do nosso antepassado de lutas.

Educação na Comunidade Quilombola Baião

Tenho 2 filhos: a mais velha começou estudar na fazenda e hoje estuda na cidade, até mesmo porque acabou as escola da zona rural, aqui nós não temos mais. No município de Almas, na Região, aqui nós não tem mais, aí foi obrigado 'nois' separar, a mãe deles fica lá na rua com os meninos estudando e a gente tá no mato. Eu, por exemplo, tô cá na fazenda trabalhando e levando 'trem' pra eles comer lá, então é uma coisa que não é bom pra nossa comunidade. Quando eu vim ter os filhos eu já tinha uma casinha na cidade, aí o que fez o ônibus, às vezes vem um dia, passa dois sem vim, pra não sentir nossos filhos prejudicado eu falei com a mãe deles, é melhor você ficar aqui durante a semana na cidade com os meninos nas escola, e final de semana você vai retorna pra fazenda pra mim ajudar a fazer alguma coisa pra nois, construir melhor o jeito da gente viver e assim 'nois' estamos fazendo, simplesmente isso.

Adelmides Nunes de Sousa





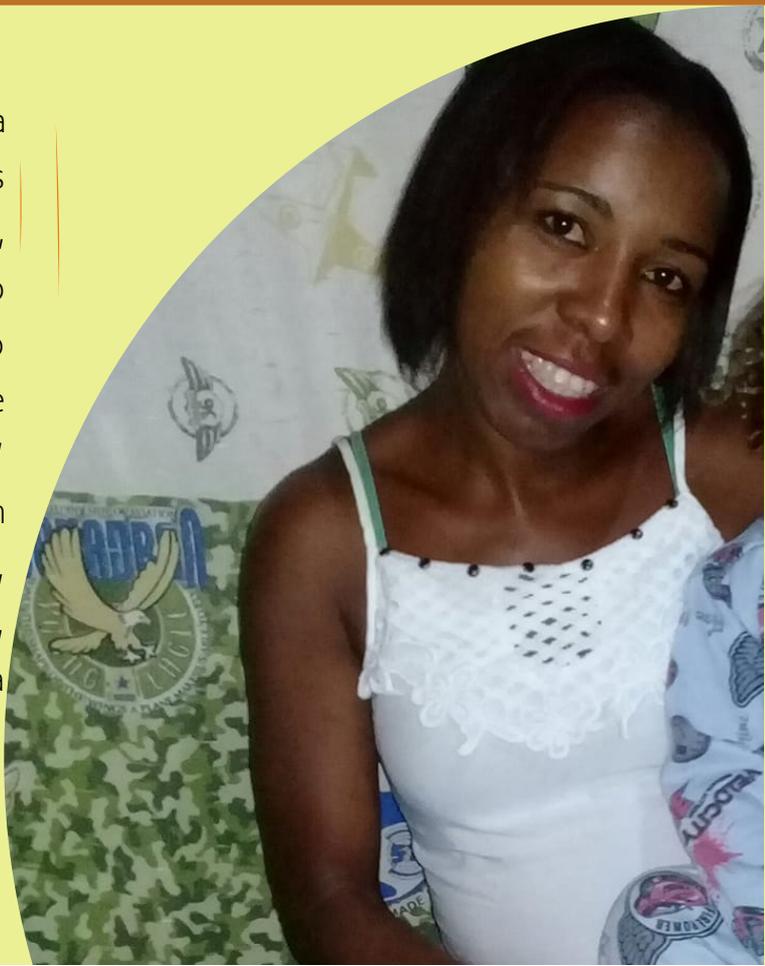
**Ana Patrícia
Fernandes Cardoso**

Para nós, jovens quilombolas que moramos na zona rural, estudar na escola da cidade não é uma tarefa fácil, chegar lá depois de uma viagem longa, muitas das vezes cansados. Pois, apesar das dificuldades, acredito que quase todos os jovens da comunidade, em idade escolar hoje em dia, estão cursando o ensino fundamental e médio, já é um grande avanço, os nossos pais conseguiram ter pouco tempo de escolaridade. Por difícil acesso, e o ensino superior que também é outra fase, na maioria das vezes os jovens quilombolas saem em busca de continuidade aos estudos, por meio das cotas e bolsas quilombola. Tem um sonho para realizar, as lutas do dia-a-dia, idealizar, transformar em metas e objetivos por ele e por nossa comunidade, batalhar, diria que apesar de morar fora, não perder o contato com nossas tradições e cultura, manter esse vínculo de geração em geração. Corre em nossas veias nossa identidade é meu orgulho ser quilombola.



Se tivesse uma escola dentro da comunidade o aprendizado das crianças minhas seria melhor, eu acho que sim, porque tendo uma escola aqui, com o mesmo aprendizado que é lá, seria muito bom. Também seria muito melhor porque evita o cansaço, evita o estresse, 'eles ficava' mais à vontade, porque daqui lá é um pedaço bom, então evitaria muita coisa, então seria muito bom a escola aqui dentro, ia melhorar o aprendizado também. E ainda dava para os pais estudarem à noite.

Nerivan de Castro Souza



Moro na cidade de Almas, 32 km da fazenda Riachão das Neves, filha de José Raimundo Pinto Oliveira e Dianira Rodrigues Neto Oliveira, morei na Fazenda Alegria por 10 anos, onde meus pais trabalhou por 17 anos, lá era na beira do rio Manuel Alves aonde passei minha infância com meus irmãos e vizinhos que brincava de casinha, pique-esconde, bonecas de pano, pular nas poças d'água quando chovia e entre outras, foi uma infância muito boa. Fui pra escola com 7 anos, mais já sabia fazer o meu nome e ler o ABC que minha irmã mais velha me ensinou, a escola era na fazenda São Timóteo, mas o nome da escola era Escola Estadual Benedita, lá tinha da primeira série a quinta série, o professor dava as aulas pra essas turmas todas em apenas uma sala de aula.

Apesar da dificuldade ele conseguiu nos ensinar bastante, era um ótimo professor, mas a melhor hora era quando vimos a merendeira levando o famoso macarrão com sardinha. Da minha escola na casa não sei quantos km era, mas, meu irmão mais velho ia e voltava todos os dias, e eu ia na segunda voltava pra casa só na sexta, ficava a semana toda na casa da vizinha, que era próximo a escola.

Sinto muita saudades de lá, chego até sonhar com o lugar que eu cresci, minha mãe costuma dizer que é porque meu umbigo foi enterrado lá.

Se tivesse uma escola lá na comunidade seria de muito aprendizado, e geraria emprego e tempo pras crianças e para os pais, e eles permaneceriam na comunidade por mais tempo, pra estudar e pro trabalho.



Zeilane Rodrigues de Oliveira



Sou da Comunidade Quilombola Baião, atualmente moro na cidade, no período do tempo que morava na comunidade veio a necessidade de estudar, aí no tempo minha mãe trabalhava, morava na fazenda e trabalhava na roça, vivia da agricultura e a gente tinha que estudar e nós viemos para cidade, que tem na casa das pessoas que acolheram 'nóis'. Estudei o ensino fundamental, terminei o ensino médio, e hoje, atualmente tô sem trabalhar, hoje eu moro hoje na cidade né. No tempo que morava lá, o que achava bom era 'as criação', tá entendendo, levantava todo dia cedo para dar comida aos bichos, aquele tanto de galinha, rapaz era bom demais e tenho vontade de voltar sim a morar lá, com fé em Deus ainda vou conseguir.

Adriano Fernandes de Oliveira



Saúde na Comunidade Quilombola Baião

Olha a questão da saúde nossa comunidade, em nosso município ele não é voltada pra zona rural em termo de saúde, pra comunidade não. Hoje a gestão que a gente tem, graças a Deus lá na cidade, ainda tem um posto, a gente vai lá, às vezes você acha o médico, prescreve 'os remédio', não é todos os dias que tem, mas alguns você acha. Mas, pelo menos está tendo pra você caçar alguma forma e compra aonde tiver, agora o que eu avalio é o seguinte, o que eu acho muita falta é da própria social das pessoas que esta na administração voltar mais pra nosso pessoal, da nossa comunidade. Não só pra nossa, como de outra, porque é uma desigualdade que a gente ainda sofre. A gente já foi muito massacrado com isso, com o conhecimento que a gente tem dos nosso bisavô, dos nossos tios, que isso não tinham direito, e hoje a gente tem o direito no papel, nas leis, mas, nas práticas ainda está faltando muito pra concertar.

Com a chegada do agronegócio teve impacto grande, ali naquela área dos grandes produtores 'eles trabalha', 'eles joga' veneno, prejudica nossa rocinha pequena, eles têm o gado, eles tem um remédio que eles usa nas cocheira pros gado deles ficar com a qualidade bem de saúde, prejudica o que a gente tem então, a realidade é essa. O impacto que a gente sente é grande, é enorme. Sem contar na água, porque a água e o solo que fica no raso, o veneno vem por cima, cai dentro, a gente utiliza o gado, utiliza, todo mundo utiliza aquela água. Então, pra gente humano ainda demora mais, porque a gente é vacinado contra várias coisa, mas, pro animal ele vai mais rápido do que a gente, então o impacto é muito grande. O que eu quero dizer é o seguinte, que a gente temos que fazer esse trabalho de união, reforçando cada dia mais, porque 'as vez' um só não faz tanta diferença, mas se nós for cinco, dez, vinte, ou mais aí a gente vai ter uma diferença. Então pra isso, eu quero que esteja em união, voltando pra associação, porque a união que nós tivemos aqui, quanto mais maior pra nós, pra nossa comunidade pra nossas famílias, pra nossos familiares que ainda mora aqui é muito gratificante.

Adelmides Nunes de Sousa



Tô aqui não diretamente no Baião, mas tava aqui próximo no Jataí, posso dizer que nasci naquela localidade, me criei por aqui, estou aqui desde pequeno, desde o meu nascimento. Tive um tempo lá mais meus avós, voltei para cidade na época para estudar e quando terminei comecei a trabalhar numa firma e não voltei mais lá para onde estava meus avós. Aí de repente surgiu a vaga aqui também nessa região, nessa localidade, aqui onde eu moro, naquela época foi em 1986 uma vaga para mim lecionar aqui na escola rural de professor. Então eu tinha um pouco de conhecimento, mas como sempre para gente o primeiro trabalho é sempre assim, uma coisa meio que chega com uma timidez, meio inseguro, não foi difícil trabalhar por um ano e meio, mas achei que também não era a minha área ali na educação para lecionar, daí voltei para o outro serviço. Fui para um serviço de garimpo, na época tinha, depois sai e vim trabalhar numa fazenda no finalzinho da década de 80. Me casei e fui trabalhar numa fazenda aqui próximo, também sem muito sair para fora né. Então trabalhei 10 anos, eu tava saindo da Fazenda surgiu o serviço de agente de saúde me inscrevi lá, uma seletiva, passei trabalhei por três anos, depois deu na cabeça parei e fui para uma fazenda mais distante um pouco. Tive lá 4 anos e antes de eu voltar para cá surgiu de novo a vaga lá para mim trabalhar lá naquela área de agente de saúde, fiz outra seletiva passei e continuo trabalhando lá, mudei para cá, mas pelo fato de eu morar na zona rural eu podia continuar naquela área, tipo eu morando fora mas por ser na zona rural podia então. Eu continuo lá até hoje, já vim para aqui também, eu sou agente de saúde fora do território, mas, fui o primeiro aqui.

Quando lançou o programa agente de saúde eu fui o primeiro aqui, fazia a área de bicicleta, a área grande, depois foi feito a divisão ficou menor mas foi logo eu saí, aí coloquei meu cunhado, que é o Marlon, ele continua até hoje e eu depois lá consegui outra área fora do território. Mas moro aqui, a minha casa eu faço aqui dentro, que na época fazia a casa do meu pai, lá é a minha casa, mas como eu mudei para cá, continuo fazendo a minha casa, e a casa é hoje da minha mãe que meu pai já faleceu.

Antônio Cardoso de Almeida





Moro aqui na Comunidade Quilombola Baião, fui obrigado a migrar pra cidade, hoje eu sou concursado, fiz um curso técnico, sou agente de saúde há 21 anos. Tem muita pendência dentro da saúde, precisa melhorar, depois do avanço da vacina, todo mundo já passou a conhecer quem é quilombola, que antes não sabia, agora, depois da pandemia pra cá, eu achei que eles deu pra olhar ao nosso lado com outra cara né, com outro olhar. Na época da vacina eles já elaboraram, já deu alguma coisa pra ajudar na despesa, pra essa evolução da vacina, então eu acredito que deu mais um passo, mas ainda 'falta eles melhorar' mais nesse aspecto de conhecimento de 'nóis' dentro de toda instituição. Tanto da educação, como da saúde, e assim em lazer, que não tem nada voltado ainda pro lado da instituição quilombola em nosso município. Eu acho que eles tem que fazer alguma coisa pra envolver 'os jovem', eu já não digo eu, porque eu já to de meio dia pra tarde, mas tem muito jovem chegando aí. E as vezes querendo abraçar essa causa, mas se não tiver nada pra oferecer, eles vão caçar outra coisa que às vezes não é nem área deles. Igual já teve muitos que emigraram pra outro lugar, que às vezes não é área deles, aí vão só migrar por lá, mas é a luta da vida hoje, tem que a pessoa procurar onde ele possa comer, vestir e calçar.

Marlon Fernandes Crisóstomo





Cultura na Comunidade Quilombola Baião

Não nasci lá, nós morava lá no Jataí, nós sempre morava, mas criei naquela Região, só ali naquele lugar. Ali vai fazer 30 anos agora em 2024, às vezes era até melhor, ali tinha criação, tem ali, só que aí já diminuiu o espaço, naquele tempo mais para trás, ali tinha acesso mais nas área maior. A gente tinha como criar as criações, soltava pra lá, não tem espaço mais da gente soltar. Tá andando a questão da tradição, isso já vem de muitos anos e quando chega ali a época das Folia que sempre é igual as Folia da Páscoa que o povo fala né, no caso tem que ser antes da Folia da Páscoa, a tem as outras Folia às vezes Folia de Reis, de São Sebastião e aí vem a Folia da Páscoa que gira os 40 dias.



A Folia sai no domingo de Páscoa, todo ano e a chegada todo ano é na quinta-feira da Hora, depois dos 40 dias. A função de sair no caso é evangelizar 'os morador' e sair pregando a palavra de Deus, durante os 40 dias nós sai nessa missão, pregando a palavra de Deus né, eu já giro há muito tempo. Tem mais de 20 giros entre as Folia da Páscoa né, tem as Folia de seis dias, dez dias. De primeiro giravam os 40 dias no sertão, hoje já tá difícil, não gira mais só no sertão, porque não tem mais como né, que o pessoal tomaram de conta e os que acolhe é o pessoal mais fraco né. Esse povão de hoje aí já não quer mais, é pouco, alguns que ainda recebe né, aí ficou mais difícil, hoje em dia tá difícil para tudo, até quem girava a cavalo hoje em dia tá até difícil também porque já não tem mais a estrada, já não tem mais como tá passando a cavalo, o povo 'tampou todos os acessos', muitos estão girando aí quase todos é de carro né, porque não pode mais andar de cavalo.

Do jeito que tá indo aí, tá sujeito acabar, porque no sertão já quase não tem ninguém mais assim que recebe as Folia. Às vezes tem muita gente, mas o povão de fora não liga para isso não.

Ledvon Pereira Cardoso





Organização das Fólias

Por exemplo, se você vai estar no giro, você chega na casa e vai cantar o canto para o morador, aí depois do canto vai as rodas, a pessoa canta as rodas aí os moradores já oferece o café, o lanche né. Quando a gente chega no pouso a gente vai cantar, que chega logo já canta a licença, mas os mais velhos falava que era agasalho, mas hoje em dia o povo já fala licença, a gente canta para poder 'desapear' né, porque você chega canta primeiro para poder 'desapear'. Aí vai cantar o canto do morador, aí o costume também de ter as rodas, depois que canta o canto tem as rodas, ali canta umas duas horas, aí vai preparar para a janta, depois da janta tem o bendito, aí depois do bendito já vai cantar roda de novo. Aí nessa da chegada são duas rodas é obrigação da folia fazer, duas rodas na chegada aí para os morador, aí depois do bendito vai pode cantar o tanto que puder cantar. É desse jeito aí, pronto aí parou né, já vai dormir, preparar para outro dia, a saída, cada dia é num ponto.

Naquele tempo que o pessoal não marcava né, saia aí, as vez pousava, numa comparação, pousava lá em casa, aí no outro dia saia e tocava no mundo, se anoitecesse, no Baião lá já pousava, quando chegavam aquela época do ano o povo já esperava, que em qualquer casa a folia podia dormir. Hoje não, um ano antes eles já sai marcando, que der ou que não der tem que ir para aquele ponto. Naquele tempo não, mais atrás era difícil, no caso dos pousos já tá marcado né, aí o povo já tá sabendo com tempo, aí acho que já junta mais gente do que naquele tempo. Naquele tempo era de dormir onde anoitecia, também aí só era o pessoal da casa, porque não dava tempo do pessoal juntar, mais aí hoje é marcado, aí o povo já junta, já tá sabendo .

Do jeito que tá indo aí, tá sujeito acabar, porque no sertão já quase não tem ninguém mais assim que recebe as Folia. Às vezes tem muita gente, mas o povão de fora não liga para isso não.

Ledvon Pereira Cardoso





Que a gente tem a cultura da nossa comunidade de nós perseverar o respeito, o aceite da comunidade, os valores né, que a gente tá vendo que tá perdendo, o respeito pelas pessoas mais velhas e os tratos que as bênção para gente. Para muitos hoje não tem esse conhecimento dessa tradição de rezar né, rezar o terço, receber as folias né, aqui a gente reza o terço, eu mesmo venho de uma geração de pessoas que rezavam o terço.

Então eu 'aprendi rezar', não sei se eu rezo como os mais velhos. Mas, aqui eu rezo um terço para uma pessoa, a gente não cobra nada, a gente tem o prazer das pessoas, têm a necessidade de rezar, então isso aí é muito gratificante, a gente tá rezando o terço que isso é uma cultura muito forte, e assim é um ato de fé da gente, conviver com isso. Isso é uma realidade, é uma coisa que não tem preço, a gente tem que perseverar, conservar.

Tem as Folias, é uma tradição do Divino na Região, então a gente tem o prazer de receber que é uma cultura, é uma realidade de vida nossa.

A dança da Sussia, dos tambores, a gente tem uns tambores, a gente dança nos pousos de folia e também tem a nossa cultura aqui do Quilombo né, de dançar para mostrar como era antigamente no quilombo. Então vem de uma geração os tambores, as cantigas, as músicas, que a gente fala então é isso, é muito importante a gente preservar essa cultura, que a gente tá vendo que tá acabando. Muitas comunidades aderindo para evangelizar por evangélico, não quer aceitar mais a cultura de oração, de rezar, mas isso aí faz parte, cada quem tem a sua religião, mas a gente aqui tem a tradição de manter e preservar essa tradição forte que isso é muito importante que isso veio desde os africanos, dos escravos, a gente rezar o terço é um ato de fé e gratidão e de pedir a Deus né porque nós sem Deus, nós não somos nada.

Então a gente tem os santos da devoção da gente, cada quem que possa rezar, reza, então tem essa tradição nas datas de 12 de outubro e tem época das Folia, tem Santo Reis também né. Isso é uma história de vida dentro da comunidade é uma cultura que vem antiga, que vem mantendo dos nossos antepassados passando de gerações em gerações. E essa é a vivência do dia a dia nosso, é nessa luta e vivendo nessa cultura, mexendo com nossos, como era de costume e isso é a realidade de vida nossa aqui no quilombo Baião, é história de vida nossa.

Eliene Fernandes Crisóstomo de Almeida



Juventude da Comunidade Quilombola Baião

Eu sou associado na associação desde 2005, já fui presidente por dois mandatos da associação Comunidade Quilombola Baião.

Rapaz, foi um pouco complicado né, que tem 10 anos eu comecei a participar da associação e geralmente aconteceu em muitos anos os mutirões. Pontapé da associação foi através dos mutirões, dos grupos, a gente fazer o trabalho aqui, viu para facilitar a mão de obra e ter mais produtividade. No meu ponto de vista os mutirões foi um ponto positivo para a Associação. Porque foi dali que a gente trocou umas ideias, que surgiu, que nós viu a necessidade de formar um grupo associado, criar um grupo organizado para poder buscar recurso, benefícios, e através da equipe a fala é mais forte geralmente da agricultura e pecuária. E agora, 2017 para cá, na comunidade começou a fluir a piscicultura, já facilitou. Geralmente só da lavoura mesmo na linguagem popular da roça, na roça de toco, agora já tá uma transição, hoje a gente ainda tem a roça de toco mas, opcional pelo arado, mesmo até para facilitar mais a questão de produtividade e melhorar a mão de obra e produzir maior quantidade.

Hoje 'nós planta' arroz, é o primeiro ponto que é o ponto forte da comunidade, feijão, mandioca, milho.

O trator, nós depende da prefeitura, é meio complicado conseguir uma máquina para deslocar para prestar serviço para todos, como nós somos um grupo associado quando vai para 1 tem que fazer para todos, a prefeitura tá ajudando mas ela pode melhorar, que tem capacidade de melhorar muito, mas só tá faltando pontapé, só falta fazer um reajuste melhorar, cada vez mais.

Eu, na verdade, moro na cidade, trabalho como motorista de ônibus escolar, mas vivo mais na zona rural, a semana eu passo toda dentro da comunidade, é durante o dia na cidade e à noite na fazenda.

A maioria dos jovens hoje sai de dentro da comunidade, por falta de oportunidade, que a maioria dos jovens têm que sair muitos por questão de estudo, a maioria quer estudar, partir para a universidade. Às vezes a pessoa forma e não tem capacidade de emprego dentro da comunidade, se tivesse uma oportunidade para os jovens, projetos, um apoio do governo, do prefeito para gente conseguir se manter dentro da comunidade.

Em relação ao território, se saísse seria um benefício a mais para os jovens, voltar com certeza, o jovem sai porque o território da comunidade hoje é uma área pequena para gente produzir, mas se conseguisse o território, com certeza 90% dos jovens voltaria para dentro da comunidade para trabalhar em cima de suas terras ao lado de seus pais, seus patriarcas, quem não quer ficar perto do seu pai e sua mãe.

Fui obrigado a sair da Comunidade para dar continuidade dos meus estudos, vim para escola agrícola em Almas foi onde eu formei em técnico agropecuário e voltei de volta para comunidade. Eu saio 8 horas da manhã para buscar os alunos, que eles chegam aqui 12 horas, para estudar à tarde, chego 9 ou 10 da noite, os últimos alunos eu consigo deixar até 21h horas em casa. Com certeza melhoraria positivo porque até o cansaço, desconforto da criança passar o dia todo fora de casa rodando, o aprendizado dele seria 100% dentro da comunidade, ele tava ali, e se sentir mais à vontade, que a criança começa de pequeno a rotina dessa não é fácil, que nem eu que sou motorista é muito cansativo, as estradas não ajuda, a criança acaba no desgaste físico mesmo ele tem muito pouco aproveitamento na sala de aula.

Marcos Dione Rodrigues de Oliveira





ALTERNATIVAS PARA A PEQUENA
AGRICULTURA NO TOCANTINS



coeqto

Coordenação Estadual das Comunidades
Quilombolas do Tocantins



iCS

instituto
CLIMA e SOCIEDADE